

## LEITURA: USOS E FUNÇÕES

*Maria José de Moura (\*)*

No seminário sobre “Educação na perspectiva interdisciplinar”, está prevista a discussão sobre o tema “Linguagem: oralidade, leitura e escrita”. Dentro desse tema, coube a mim falar sobre “Leitura: usos e funções”.

Começaremos falando sobre a importância da linguagem nestes contextos. Entendemos ser ela uma das principais preocupações quando vamos trabalhar o conceito de leitura, principalmente para se ter a noção de qual mediação deverá ser utilizada para que haja pelo sujeito leitor uma apreensão daquilo que ele tomou como objeto de leitura. Seja esse objeto aspectos da realidade, de ficção ou indagações que impliquem entendimento do cotidiano ou qualquer acontecimento que mereça sua atenção. Na opinião de Citelli (1990:46) “a mediação seria aquela que indicasse existir entre nós e o evento merecedor de nossa atenção uma instância qualquer de signos. Esses podem estar representados por formas verbais ou não verbais: pelo composto dos sons, as palavras, ou pelas imagens, cores, gestos, etc.” A grande variedade de signos que se nos apresenta é que nos leva a entender que a leitura do mundo está sempre sendo alterada pois essa leitura é feita pela utilização de um campo quase infinito de possibilidades expressivas.

Na concepção de Beneviste, “a leitura é antes de mais nada, uma decifração de códigos de linguagem que permitem a comunicação; como tal, pressupõe o conhecimento das cifras utilizadas, o contacto possível com os códigos que condicionam e o entendimento das situações humanas que a linguagem reverte e subverte - porque na

(\*) Professora do Curso de Mestrado em Educação - UFPI

materialidade da cifra, na marca cultural do código se encontram logo os dados iniciais da formulação da descoberta que a utilização individual, personalizando, concretiza estatutariamente em conceptualização humana.” (1976: 9)

Nesse sentido, a leitura ultrapassa a decifração do código e converte-se numa busca de descoberta e de compreensão que, por sua vez, vai criando no indivíduo uma nova necessidade de ler.

Beneviste diz, ainda, que sendo a leitura uma prática social, é a vida em comum que nos cria a necessidade de ler: “ler os outros, ler a nossa disposição para com os outros, ler o texto comum que nós e os outros escrevemos de todos para todos” (1976:10).

Constatando que a leitura ultrapassa a decifração do código, devemos considerar que se o sujeito não conseguir fazer essa decifração ele estará impedido de prosseguir em qualquer etapa da leitura. Assim, devemos considerar, que os sujeitos apenas iniciados no ato de ler não são leitores e tampouco letrados, pelo simples fato de serem alfabetizados. Esta é uma das discussões que Foucambert (1994) tem levantado. Na sua opinião, “poucos são os letrados ( e não se busca saber o que os torna letrados), enquanto muitos são os alfabetizados (e indaga-se porque alfabetizados não se tornaram letrados), mas tanto os alfabetizados quanto os analfabetos são juntos do mesmo processo de exclusão de ambos das condições que lhes permitiram participar das redes de circulação de impressos.”

Vale ressaltar que apenas uma minoria da sociedade faz parte do mundo dos letrados o que faz lembrar a desigualdade social existente em nosso país.

Esta desigualdade social, por sua vez, determina os meios para o acesso à palavra escrita e, por conseguinte, as desigualdades de aquisição do conhecimento. O que é mais deplorável, exclui os menos favorecidos do mundo da escrita.

Esses aspectos enfocados, tanto fornecem elementos para uma análise da leitura no território nacional, como indicam a ausência de uma política que oriente o encaminhamento da leitura em diferentes contextos, como o escolar, o familiar, etc., no sentido de tornar os sujeitos letrados.

Na prática, a leitura não tem recebido a devida importância sequer na escola, instituição oficialmente organizada para o ensino da leitura. Isto se evidencia quando observamos no cotidiano dos alunos e dos educadores a falta de condições para a produção da leitura, caracterizada pela ausência de bibliotecas, pela deficiência na formação do professor para este fim, pelo baixo poder aquisitivo, tanto do professor como do aluno, o que os impede ou quase proíbe de comprar livros ou similares. Daí velhas questões: como formar leitores se o próprio professor não é leitor? O que podemos esperar de um contexto no qual o professor é mais leitor, o texto é ruim e de difícil acesso? Que leitor esperamos formar?

Outras questões também são fundamentais. Para que formar leitores? Qual a função social da leitura na sociedade em que vivemos? Silva (p. 6) diz que “a leitura deve ser formada como um instrumento de conscientização e de transformação da realidade”. Em outras palavras, a leitura pode funcionar como um instrumento de reflexão no processo de transformação social, considerando-se que o livro ou as mensagens escritas podem conter em muitos casos fortes de criticidade e referencial que permitem uma análise mais profunda dos problemas sociais.

Quando entendemos a leitura como um instrumento de conscientização, entendemos também que ela é um instrumento de combate à alienação e à ignorância.

Por que então aprender a ler? Ou, mais especificamente, como indaga Silva (p. 7): “Por que ensinar leitura as nossas crianças”? Como resposta, ele sugere: para que elas desenvolvam senso crítico e tenham condições de perceber as condições de perceber as contradições da sociedade brasileira e transformem-se em sujeitos das transformações necessárias, para que elas educadas de acordo com uma nova pedagogia da leitura, questionem os valores da sociedade brasileira atual e estabeleçam outros, aqueles diretamente relacionados com a democracia e com a justiça social; para que elas dominando o mecanismo da leitura, tenham acesso a todo tipo de conhecimento e construam uma nova sociedade.

Para que a leitura cumpra as funções, necessário se faz que a

postura do professor formador de leitores tenha uma visão crítica de mundo e de leitura. Como sabemos, a concepção que temos dos fatos norteiam as nossas atitudes e as nossas práticas sociais. Assim, "aquilo que eu sei sobre o ato de ler ou, ainda, a forma pela qual eu concebo a leitura enriquece ou empobrece, dinamiza ou paralisa, dirige ou desvia, conscientiza ou serve para alienar as ações pedagógicas dirigidas à formação de leitores". (Silva, s/d, p. 10)

Se tomarmos como ponto de referência a escola e o tratamento que vem sendo dado à leitura nesse contexto, observaremos a coexistência de concepções muito diversas relacionadas à leitura, de leitor e de texto, formas de trabalhar a leitura, o texto e mesmo de livro. Diante dessas variações é que se fundamenta o ensino da leitura.

Contudo, ainda é a escola que basicamente propicia um trabalho sistematizado com a leitura. Portanto, é necessário que ele atenda a uma realidade que se impõe ante o mundo que se apresenta com novos contornos. Havemos de entender que a leitura não se dá apenas no contexto escolar e ou familiar. Hoje, é o código lingüístico como objetos de leitura está posto aos olhos de qualquer cidadão sendo ele leitor ou não. Esses objetos quer sejam *outdoors*, placas de ônibus, cartazes, indicações de lojas, bancos, ou ruas, panfletos, horóscopos, receitas e muito mais do que poderia ser citado.

Então, por que se lê tanto fora da escola e se tem tanta aversão à leitura no ambiente escolar? Não seria a escola que poda o prazer de ler, enquanto as leituras disseminadas em lugares diversos e de formas variadas provocam e instigam a curiosidade e até mesmo o prazer? Talvez, sejam essas leituras de várias naturezas, mesmo que dispersa por vários locais, que reforçam mais sua enorme importância e necessidade, já que é sempre produzida no espaço social de uma interlocução real e virtual, com interlocutores muito mais interessantes do que os que se apresentam nos textos escolares.

A escola basicamente se detém numa leitura como busca de informações e, na maioria das vezes, quando se propõe a leituras ficcionais, literárias, que deveriam ser fonte de grande prazer para os estudantes, acaba por se tornar fonte de desprazer, por se constituir num desagradável exercício de coerção o que, provavelmente, impede

as possibilidades de fruição da leitura.

Quando, na verdade, “a leitura é um processo de criação e descoberta, dirigido ou guiado pelos olhos perspicazes do escritor. De fato, por trabalhar duplamente a linguagem e os aspectos da vida social, entrelaçando-os na imaginação, o escritor faz ver, ilumina, conduz o seu leitor a esferas mais amplas e profundas de percepção”. (Silva, 1995: 6)

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVISTE, Émile. *O homem na linguagem: ensaios sobre a instituição do sujeito através da fala e da escrita*. Trad. de Isabel Maria Lucas Pascoal. Ed. Arcádia, Lisboa Portugal, 1ª edição em português, 1976.

CITELLI, Odair Adilson. “Conceitos de leitura.” In: *Leitura: caminhos da aprendizagem*, FDE, São Paulo, 1990.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ROCCO, Maria Thereza Fraga “A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto. In: *Leitura, escola e sociedade*, FDE, São Paulo, 1992.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A produção da leitura na escola: pesquisas e propostas*, São Paulo, Ed. Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *Leitura e Ensino, mimeo.*, S/d/.